

CAPITULO XI

A representação da figura de perfil

A predominância dos desenhos de face nas primeiras idades e a necessidade de representar todos os elementos de "modelo interno". A evolução lenta para o perfil: bonecos de face com pés para os dois lados, bonecos de face com pés para um lado, bonecos completamente de perfil. Os perfis indecisos.

Nas primeiras idades predomina o desenho do boneco visto de face, o que é perfeitamente razoável, graças a necessidade que tem a criança de representar tudo o que sabe do objeto ou pessoa a desenhar.

A pesquisa que procedemos autoriza-nos a afirmar a predominância dos bonecos de face nos primeiros anos.

Bonecos completamente de face

3		4		5		6		7		8		9	
M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
2,8	2,7	0	6,6	4,1	4,08	14,2	32,6	14,0	40,0	20,0	24,0	10,0	18,0
10		11		12		13		14		15		16	
M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
12,0	20,0	14,0	8,0	10,0	14,0	4,0	8,0	8,0	14,0	8,0	12,0	2,0	12,0

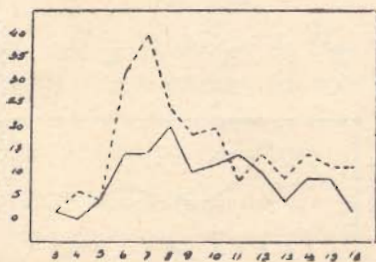


Fig. 45

De fraca freqüência aos 3 e 4 anos, pois que nesta idade os desenhos ainda não possuem características de fácil interpretação (garatujas) os bonecos de face começam a aparecer assiduamente a partir dos cinco anos para irem desaparecendo irregularmente entre 10 e 11 anos (Fig. 45). Vê-se, porém, que não é o desenho completamente de face de uma predominância longa. Ao contrario. Quem analisar os gráficos que se seguem notará como muito cedo os bonecos começam a tender para o perfil. Na realidade as dificuldades de técnica, inteiramente abandonadas a principio, pela necessidade de representar todos os elementos que constituem o seu modelo interno, são afinal sentidas pela criança.

Daí começar desde certa idade a representar certos elementos de perfil, não perdendo o desenho os detalhes que ela sabe existirem na figura humana. E' comum encontrarmos desenhos de boneco com a cabeça de perfil e os olhos e orelhas de face.

Bonecos de face com pés para os dois lados

3		4		5		6		7		8		9	
M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
2,8	5,5	11,1	6,6	10,4	6,1	16,5	6,1	8,0	12,0	4,0	14,0	2,0	6,0
10		11		12		13		14		15		16	
M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
4,0	2,0	4,0	4,0	6,0	2,0	4,0	2,0	2,0	4,0	4,0	0	4,0	4,0

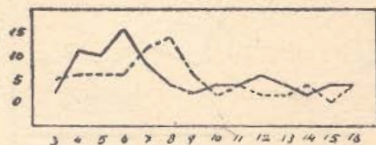


Fig. 46

O gráfico anterior (Fig. 46) mostra a freqüência dos bonecos desenhados de face com os pés para os dois lados. Entre os poucos desenhos representando a figura compreensível, nos primeiros anos, a maioria apresenta as características referidas. Até 8 anos são encontrados esses bonecos.

Bonecos de face com pés para um lado

3		4		5		6		7		8		9	
M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
5,7	5,5	11,1	24,4	27,08	44,8	26,5	30,6	24,0	22,0	14,0	22,0	8,0	18,0
10		11		12		13		14		15		16	
M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
16,0	20,0	18,0	10,0	6,0	10,0	6,0	6,0	12,0	2,0	4,0	12,0	2,0	2,0

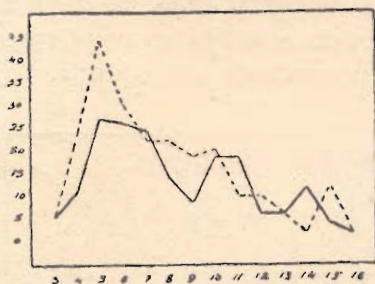


Fig. 47

A fig. 47 representa a curva de freqüência dos bonecos de face com os pés para um só lado. Ainda persiste mesmo em idades inferiores a tendência para representar alguns elementos de perfil.

Bonecos completamente de perfil

3		4		5		6		7		8		9	
M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
0	0	0	4,4	4,1	2,04	4,08	14,2	34,0	12,0	50,0	32,0	68,0	38,0

10		11		12		13		14		15		16	
M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
58,0	50,0	58,0	60,0	76,0	58,0	76,0	74,0	70,0	68,0	76,0	56,0	78,0	70,0

De freqüência pouco acentuada e mesmo nula aos 3 anos, o perfil eleva-se extraordinariamente a partir de 5 e 6 anos, para atingir os máximos de 78% e 76%, respectivamente aos 16 anos (sexo masculino) e 13 anos (sexo feminino). Verifica-se que de um modo geral é a forma de desenho mais estável na criança. Passada a fase de acentuado realismo logico, prefere a criança desenhar a figura humana de perfil, embora, vez por outra, ponha certas partes de face. A curva que se vê abaixo (Fig. 48) representa a freqüência dos bonecos completamente de perfil. Não ha dúvida que os desenhos de perfil, pela sua técnica relativamente facil, são os preferidos, a partir de certa idade.

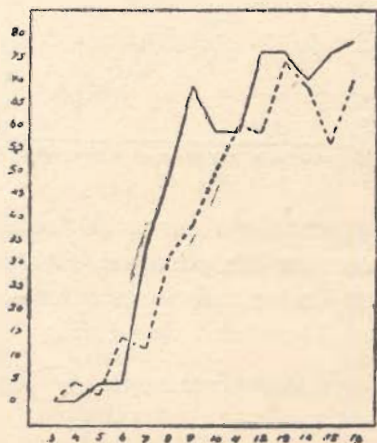


Fig. 48

Apezar de serem os desenhos mais contraditórios a começar de certo momento, os perfis regressam a uma fase de indecisão, ora apresentando o tronco de face, ou os olhos em identica situação, ora os pés ou os braços dirigidos para os dois lados — o que vae por conta da mudança de ponto de vista na criança (Fig. 49 e 50).

Perfil com pés para os dois lados

3	4	5	6	7	8	9
M F	M F	M F	M F	M F	M F	M F
0 0	0 0	0 0	0 0	4 0	0 0	2 0
10	11	12	13	14	15	16
M F	M F	M F	M F	M F	M F	M F
0 0	0 0	0 0	0 4	0 0	0 2	6 0

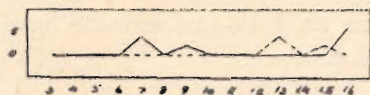


Fig. 49

Essa indecisão tem sido observada por vários pesquisadores. Lena Partridge depois de ter estudado os desenhos de 2.000 crianças, estabeleceu a seguinte evolução para cada uma das partes do corpo: pés, nariz, olhos e boca, braços e tronco.

Perfil com braços para os dois lados

3	4	5	6	7	8	9
M F	M F	M F	M F	M F	M F	M F
0 0	0 0	0 0	4,08 0	4 8	4 6	8 12

10		11		12		13		14		15		16	
M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
4	4	6,9	10	2	6	8	4	6	2	8	10	0	0

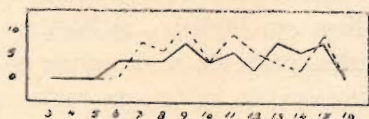


Fig. 50

Chegámos a resultados semelhantes aos de Partridge. Para Krotzch a ordem é diferente: pés, braços, cabeça e tronco. Para Helga Eng: pés, braços, tronco e cabeça (1).

Eis a ordem de evolução de cada uma das partes do corpo segundo nossas observações:

1.º — Em primeiro lugar giram os pés, óra para um só lado óra para os dois, juntamente com os braços, ficando a cabeça de face.

2.º — Em seguida gira a cabeça, permanecendo os pés para um ou dois lados e os braços para os dois.

3.º — Logo após evoluem os braços para um só lado.

4.º — Por fim o tronco volta-se para o perfil.

Estudando o perfil das figuras desenhadas pela criança, Rouma admite que são os pés e o nariz os elementos que primeiro aparecem de perfil. Enquanto permanece o tronco por muito tempo de face, começam os detalhes da figura a girar.

(1) Celsina de F. Rocha e Bueno de Andrada — Tests — 1931, Rio.

Uma das maiores dificuldades para a representação completa de perfil está nos olhos, segundo aquele autor — observação que igualmente fizemos através dos desenhos que colhemos.

Ainda Rouma assinala as variedades de inserção dos braços, na evolução da figura para o perfil. Ora os dois braços são fixados á linha exterior do tronco, ambos provindo do mesmo lado, óra são fixados numa das partes do tronco atravessando-o na direção do perfil; ainda umas vezes os braços partem cada um de um lado do tronco, no mesmo sentido, e outras vezes são representados de maneira exata.

CAPITULO XII

Os desenhadores de casas

Motivos mais freqüentes depois do boneco. Como as crianças rabiscam as casas. Garatujas, fachadas sem janelas e com janelas. A noção de perspectiva. A representação do espaço em que se acham as casas. Portas e janelas. O interesse pelo detalhe.

Desenhando casas, que constituem, a partir de certa idade o motivo mais freqüente, as crianças passam por uma evolução que se encontra em geral em todos os demais desenhos. Em primeiro lugar notamos simples garatuja com vaga semelhança entre a representação e a coisa real. Apenas fazem as crianças uma figura plana irregular, quadrado ou triangulo. A pouco e pouco aparecem outros elementos: fachada e janela. Coincide o aparecimento desses caracteres com o girino porque realmente é a fachada o aspecto essencial do desenho. Aliás encontramos esse tipo de casa em idades já avançadas, sobretudo quando a fachada era representada com janelas. Nêste caso, quer num quer noutro sexo, ha elevação de freqüência exatamente nas maiores idades.

Tipo elementar

4		5		6		7		8		9	
M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
0	0	2	6	6	4	2	2	0	2	2	2

10		11		12		13		14		15		16	
M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	6	0	2

O grafico que se segue representa a curva de frequência do tipo elementar da casa — fachada sem janelas. Depois dos 10 anos a frequência é nula até 16 para o sexo masculino; para o sexo feminino ha uma certa elevação, que vae a conta da natural regressão no desenvolvimento do desenho. Não apuramos as garantas dos 3 anos. (Fig. 51).

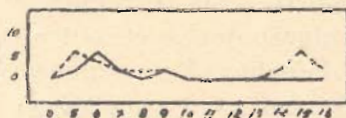


Fig. 51

Fachada com janelas

4	5	6	7	8	9	
M F	M F	M F	M F	M F	M F	
12 2	8 6	4 8	14 16	8 8	10 12	
10	11	12	13	14	15	16
M F	M F	M F	M F	M F	M F	M F
14 16	14 6	20 18	28 18	24 20	22 18	32 18

A frequência da fachada com janelas vae sempre em ascensão, até 16 anos. Sendo um tipo tão elementar é de estranhar que seja bem notavel a sua frequência nos desenhos de crianças de 12, 13 e 14 anos. (Fig. 52).

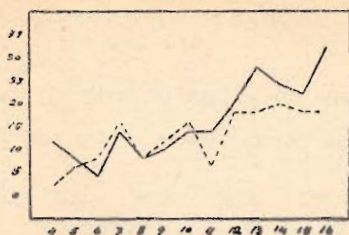


Fig. 52

*

* *

A proposito da noção de perspectiva, Victor Masrera consagrou em seu livro "Manual de Pedagogia del Debujo" todo um capítulo. A ausência de relêvo e de profundidade que se nota nos desenhos infantís sobretudo nos desenhos de casas atribue aquele autor ao carater de "inventario" da representação grafica da criança. As leis de perspectiva não consentem na enumeração minuciosa de todos os elementos daquilo que se quer desenhar.

A grande maioria dos desenhos de casa, em todas as idades tem as seguintes caraterísticas: fachada com janelas e no mesmo plano da fachada o oitão e o telhado. Não se sente profundidade nêsses desenhos. Apenas uma pequena minoria é capaz de fazer o desenho de uma casa com perspectiva e isso depois dos 12 e 13 anos.

Casas sem perspectiva

4	5	6	7	8	9	10
M F	M F	M F	M F	M F	M F	M F
18 10	30 24	54 62	52 66	76 78	66 84	70 74
11	12	13	14	15	16	
M F	M F	M F	M F	M F	M F	
62 80	68 76	48 74	40 64	42 58	36 60	

A percentagem não é maior nas primeiras idades porque predomina nelas a garatuja. Mas, logo que as crianças são capazes de rabiscar de modo a se poder interpretar o seu desenho, vemos a casa desta maneira, isto é, sem perspectiva. (Fig. 53).

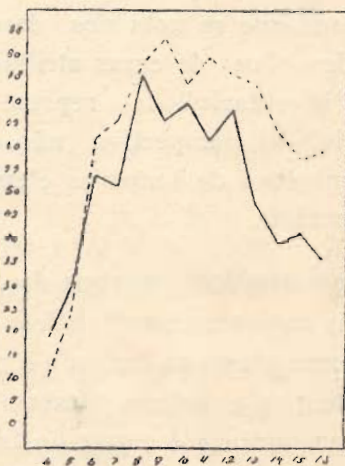


Fig. 53

Casa com perspectiva

4		5		6		7		8		9			
M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F		
0	0	0	0	2	0	0	0	0	2	4	0		
10		11		12		13		14		15		16	
M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
0	2	6	2	2	2	6	0	12	8	8	4	20	16

E' para estranhar que nas ultimas idades haja tão baixa freqüência de desenhos com perspectiva. Atribuímos este fato à escassa educação visual de nossos escolares. (Fig. 54).

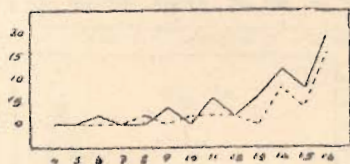


Fig. 54

*

* *

V. Masriera notara já que as crianças costumam representar o lugar em que se acham as casas e as pessoas por uma linha reta a principio, e por várias linhas quando, mais tarde, querem representar planos diferentes. As paisagens que servem de ambiente para as casas não são notadas muito cedo. Os resultados da observação de Masriera não coincidem perfeitamente com os nossos. As casas que nossas crianças desenhavam não se apoiam a principio sobre linhas: são representadas no ar. Ao contrario do que afirma Masriera, não

podemos dizer que a linha reta seja “a expressão mais simples” do solo. Vimos o espaço representando por uma linha reta sobretudo nas idades mais adeantadas, o que vale dizer que nos anos inferiores o espaço não é representado graficamente. (Fig. 55).

Espaço representado por uma reta

4	5	6	7	8	9	
M F	M F	M F	M F	M F	M F	
4 0	0 0	0 2	0 6	2 2	14 8	
10	11	12	13	14	15	16
M F	M F	M F	M F	M F	M F	M F
8 6	14 2	26 16	22 16	20 28	42 24	18 28

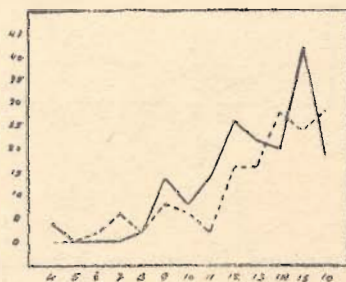


Fig. 55

Espaço representado por uma paisagem

4	5	6	7	8	9	
M F	M F	M F	M F	M F	M F	
0 0	0 2	8 6	16 12	12 18	8 12	
10	11	12	13	14	15	16
M F	M F	M F	M F	M F	M F	M F
12 16	8 18	8 22	6 18	14 24	6 8	20 8

Si de um lado a representação do espaço por uma reta não é forma mais encontrada nos desenhos dos primeiros anos, notamos de outro lado, sobretudo, a partir dos 6 anos, a representação de paisagens como ambiente das casas. Árvores, animaes, montes distantes, sol e horizonte constituem os elementos das paisagens infantís. (Fig. 56).

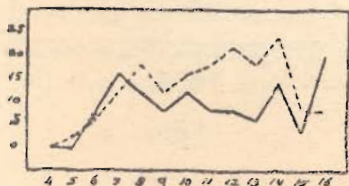


Fig. 56

*

* *

A representação das portas e janelas atravessa dois momentos e nisto a nossa observação coincide com a de Luquet. Para Luquet a criança somente é capaz de desenhar portas e janelas abertas quando se acha em bem accentuado desenvolvimento. Chegámos igualmente a esta conclusãõ. Mesmo na idades superiores, não é a representação predominante. O que vemos em todas as idades com a freqüência máxima é a representação simples dos vãos, como se pode facilmente verificar nos graficos abaixo. (Fig. 57 e 58).

Portas e janelas abertas

4	5	6	7	8	9
M F	M F	M F	M F	M F	M F
0 0	0 0	0 0	0 0	6 2	4 4
10	11	12	13	14	15
M F	M F	M F	M F	M F	M F
4 2	4 4	12 12	4 8	4 6	4 4
					16
					M F
					6 6

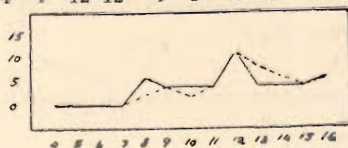


Fig. 57

Vãos

4	5	6	7	8	9
M F	M F	M F	M F	M F	M F
24 14	22 22	44 56	46 62	58 60	64 70
10	11	12	13	14	15
M F	M F	M F	M F	M F	M F
66 64	62 60	58 58	58 52	50 50	50 40
					16
					M F
					62 58



Fig. 58

*

* *

A preocupação de detalhes que existe nos desenhos de bonecos, igualmente notamos nos desenhos de casas. Comumente encontram-se desenhos, nos quais as crianças representam enfeites, bandeiras, números, escadas e até pessoas e moveis que se vêem através das paredes. Realmente, este fato vem corroborar a afirmativa de que as crianças procuram representar por meio do desenho o maior numero possível de elementos que constituem os objetos, embora isto venha contrariar as leis naturais.

CAPITULO XIII

A fase da garatuja

A universalidade das características do desenho infantil. Como evoluem os caracteres através das idades. O que é a garatuja. A garatuja como um brinquêdo. Dois momentos: a garatuja pre-intencional e a garatuja intencional. Para Burt a garatuja compreende quatro etapas. A disciplina dos traços: fase da tendência para a forma. Confusão dos autores — Kerschensteiner, Meuman, Vermeylen, Luquet, Burt.

Depois da observação que fizemos sobre 5.600 desenhos de individuos entre 3 a 16 anos, escolares e extra-escolares, podemos afirmar que são mais ou menos as mesmas as características encontradas por nós e as assinaladas por G. H. Luquet, Burt, Kerschensteiner, Meuman, Rouma e por todos quantos, em varios países se tem dedicado a essas pesquisas.

Não se trata de uma simples coincidência. Aos psicólogos não tem passado despercebida essa semelhança, o que vem cada vez mais acentuar a feição universal das características do desenho infantil.

E' preciso, entretanto, assinalar que as características próprias de uma idade não são as que se encontram na idade seguinte. Quem se dê ao cuidado de analisar uma coleção de desenhos de crianças de diferentes idades verificará que certos atributos frequentemente encontrados em um determinado momento vão progressivamente escasseando, até desaparecer quase por completo, para dar lugar a outros que por sua vez atingem á máxima freqüência a certa idade. Vê-se que o desenho infantil experimenta uma evolução perfeitamente assinalavel.

*

* *

Até certa idade, aos 3 anos aproximadamente, o desenho infantil, na grande maioria dos casos, não passa de um amontoado de traços sem sentido: é a *garatuja* feita sem a intenção de representar alguma coisa — pura atividade de ordem motriz, tão exuberante nos desenhos como nos gestos e na linguagem. É a primeira fase do desenho infantil — manifestação elementar de movimentos gráficos.

A garatuja é o desenho ininteligível — massa confusa de riscos que se distanciam do contorno e das formas dos objetos. Aqui tomamos a garatuja no seu sentido próprio, isto é, como todo desenho despido de significado realista, embora se conheça a intenção do garatujador.

Nos capítulos relativos à determinação da aptidão para o desenho por meio dos testes de Decroly, considerámos garatuja todo desenho que não se enquadrasse em nenhuma das cinco etapas assinaladas por esse autor, nem nas etapas intermediárias, por faltar qualquer recurso de interpretação.

Assim, dois traços que pela intenção do desenhador representam a janela com o observador e o homem passando na rua, mesmo nenhuma semelhança havendo com a realidade, não são considerados como garatuja. Ao contrário, são provas que pertencem à primeira fase. No entanto, sob o ponto de vista de representação esses dois rabiscos são verdadeiras garatujas. Falta-lhes por completo a aparência de figuras; não repre-

sentam, nem mesmo vagamente o contôrno dos objetos. Si não fosse o comentario da criança, anotado pelo experimentador, não se poderia distinguir nesses traços uma janela com um menino e um homem na rua. Conhece-se dêsses traços apenas a intenção. O desenho está ainda na sua primeira fase, porque é a manifestação de uma mentalidade confusa, ainda em esbôço.

George Vermeulen, tomando como tipo de observação os desenhos de homem e de animal, combina inteiramente com Meuman. Para Cyril Burt —

“A fase do garatujador começa aos 2 anos; aumentando com ardente interesse na idade de 3 anos; entretanto pode persistir até os fins do quinto ano, quando a criança tem entrado na escola infantil” (1).

E' a observação exata de Vermeulen, para quem o estadio da garatuja começa aproximadamente entre 2 e 3 anos (2).

As crianças até certa idade tomam o lapis e com ele traçam riscos inteiramente livres. Estes movimentos a principio bruscos, desordenados e dirigidos para todos os ângulos do papel ou das parêdes, vão se tornando cada vez mais disciplinados, mais seguros e mais nitidos.

Com a sua autoridade de sistematizador, assegura Vermeulen que a criança logo que começa a rabiscar, as suas garatujas são simplesmente uma consequência

(1) Cyril Burt — *Mental and Scholastic Test* — London. 1922.

(2) George Vermeulen — *Op. cit.*

da exuberância da atividade muscular, ou por outras palavras, são estreitamente relacionadas com o interesse sensorio-motriz. (1)

*

* *

As crianças neste momento rabiscam o dia inteiro: parêdes, portas, papel — tudo é atingido pela sua atividade grafica. Si surpreendermos uma criança a encher o seu papel de rabiscos, não os conseguiremos decifrar. Elas proprias rabiscam sem a intenção de representar por traços qualquer objeto. Trata-se apenas de um brinquêdo, como outro qualquer. Admitindo igualmente a hipotese do desenho, no seu periodo inicial, como um brinquêdo, Luquet, no seu livro — *Le Dessin enfantin* — esclarece:

“Mas, si a criança considera o desenho como um brinquêdo, ou mais justamente por esta razão, ela toma esse brinquêdo como os demais — a serio. Na generalidade dos casos, quando alguma razão especial não a força a apressar seu traçado, os desenhos são para ela obras bem feitas.”

O interesse que as prende a esse brinquêdo é naturalmente explicado pelo prazer que têm as crianças em se sentirem a causa de alguma cousa.

Queyrat na sua interpretação dos brinquêdos in-

(1) George Vermeylen — Op. cit.

fantís, assegura como verdadeira essa satisfação particular que têm as crianças por se saberem as motivadoras de um certo efeito (1).

“Daqui por deante o prazer, que resultava da propria ação e que era todo fisico, é acrescido nas crianças de um prazer moral — da *alegria de ser causa*, da *alegria de poder*, segundo a expressão de Preyer, ou como diz Lessing, da *conciência de um grau mais elevado de sua realidade*; em outros termos: do prazer que lhes proporciona o poder que sentem sôbre seu proprio corpo e sôbre os objetos exteriores.”

Na realidade é de ver a alegria de que ficam em geral possuidas as crianças em fazerem e desfazerem indefinidamente o mesmo castelo de cartas ou a mesma torre de carretéis. Perfeitamente explicável é pois esse prazer que sentem as crianças em fazer garatujas de que elas não chegam a compreender o sentido, sabido que os interesses motrizes são até certa idade (5 a 6 anos) a forma mais preponderante da atividade geral da infância.

A necessidade de interpretar o que rabisca é bem precoce. Mesmo numa época em que o realismo do desenho ainda está longe de ser representado, já as crianças, quando interrogadas, procuram a significação dos seus rabiscos. Elas têm sempre o que dizer: “Isto é uma flor, isto é um bicho”. Exemplos disto poderia-

(1) Frédéric Queyrat — *Les jeux des enfants* — Paris. 1920.

mos dar com abundância. E o interessante é que as crianças não se limitam exclusivamente a indicar tal ou qual objeto. Não enumeram simplesmente. Comumente elas se excedem em comentários pitorescos e minúcias caprichosas. Um menino de 4 anos que desenhou alguns círculos soltos, disse que eram rodas “levantando poeira”. Uma menina de 5 anos depois de desenhar um galo, apontou para o bico e declarou que era “um galo cantando”. Um outro menino de 5 anos, fez uma figura de homem sem braços e quando interrogado sobre esta particularidade, disse: “foi o bonde que passou por cima”.



Êsses comentários, só os fazem as crianças quando estimuladas. Tanto não ha intenção, a principio, de representar um determinado objeto, que a proposito da mesma garatuja costumam dar interpretações diferentes, conforme a sugestão de quem interroga ou o capricho do momento. Luquet opõe-se a isto. Para ele o desenho tem por função essencial representar alguma cousa. E textualmente: “A concepção de um desenho que não representasse nada é de tal modo estranha à criança que diversas crianças não encontrando uma interpretação precisa para o desenho que acabam de fazer, declaram que representa: *uma cousa*”. (1).

Mas será a interpretação da criança, acabado o

(1) G. H. Luquet — Op. cit.

desenho, uma prova de que o desenho obedecera a uma intenção anterior? O proprio Luquet de algum modo se contradiz quando afirma que normalmente a idéa traduzida pela criança é identica a que, "sob forma de intenção, sugerira o desenho e que a propria execução dêste contribue para manter no espirito". (1). Mas levado por suas observações chega a dizer que a interpretação de um mesmo desenho já concluido ou por concluir varia freqüentemente. Isto "porque a interpretação é muitas vezes determinada pela semelhança do traçado com o objeto já conhecido pela criança". Mas aí é que vemos a falta de razão do autor. Não ha duvida que as crianças ora dizem que seu desenho representa isto, óra aqui-outro. Igualmente é admissivel atribuir-se essa mudança de opinião à semelhança ou simples analogia notada pela criança entre o desenho ou partes e um objeto do ambiente. Isto é um fato observado constantemente. O que porém é exagerado afirmar-se é que a intenção da criança foi esquecida por imposição de uma semelhança percebida no decorrer do traçado ou, concluido este, entre as linhas e objetos outros que está habituada a ver. Será na realidade a interpretação uma prova de que já existia uma intenção antes de iniciados os rabiscos? Não pensamos com Luquet. A necessidade de interpretar é anterior ao desejo intencional de desenhar preferencialmente alguma cousa. A interpretação surge como uma surpresa para a criança. E' a propria garatuja feita desordenadamente que acaba por parecer á criança

(1) G. H. Luquet — Op. cit

com certo objeto — objeto que variará a cada nova compreensão visual ou capricho do momento.

*

* *

O momento de que tratamos é o da garatuja pre-intencional. Agora passamos ao da garatuja intencional. Aquêlê momento do desenho infantil, quase que exclusivo produto da atividade muscular, pre-intencional, é pouco a pouco substituído por outro em que as crianças passam a anunciar os objetos ao mesmo tempo que desenham. A partir de certa idade o simples prazer da ação vaee cedendo ao desejo de representar alguma cousa. A intenção surge como um novo fator da atividade grafica. Ou por terem visto outra pessôa desenhar, ou por terem compreendido a relação visual entre as cousas e sua representação, já aí começam as crianças a dar mostras de que são impelidas a desenhar tal ou qual cousa, embora seja esse desenho um amontoado informe de rabiscos. Burt, Bechterew e Luquet afirmam mais ou menos a mesma cousa. Sob a denominação de *realismo fortuito* este ultimo psicologo faz compreender todos os desenhos das primeiras idades. A criança — diz Luquet — começa por fazer rabiscos unicamente por fazer. Não atribue ás suas garatujas as qualidades de semelhança com determinados elementos reaes que nota no ambiente ou nos desenhos de outrem. O desenho sae completamente do seu verdadeiro significado. Mais tarde, porém, a criança casualmente nota

uma certa semelhança entre os seus rabiscos e os objetos — o desenho será então simples *realismo fortuito*, que pouco a pouco irá cedendo o passo à representação propriamente intencional.

Não admitimos como justa a expressão tão frequentemente usada por Luquet — *realismo fortuito* — para assinalar uma fase que, para este psicólogo, mais depende de ocasião e de imprevisto do que mesmo de uma conquista oportuna do próprio desenvolvimento mental da criança. Chega a criança a notar em certo momento da sua vida essa relação existente entre o objeto e a sua representação, necessariamente porque as suas atividades mentaes se encontram mobilizadas em favor do seu poder de observação e análise. Atribuir ao acaso este fato seria condicioná-lo às incertezas e às oportunidades do ambiente.

* *

Nas pesquisas que procedemos, á maneira de Vermeulen, sobre os bonecos desenhados por 1.400 crianças de ambos os sexos (700 para cada), encontrámos particularidades bem notáveis. Aos 3 e 4 anos assinálamos pela freqüência, entre os desenhos em geral duas tendências: a tendência para a garatuja em curvas continuas e a tendência para a garatuja em curvas fechadas. Já nesta última o desenho infantil, apesar de ser incompreensível sob o ponto de vista de realismo, é feito com a intenção de reproduzir alguma cou-

sa. A garatuja vaee sendo pelo seu carater subjetivo a representação de animais, objetos usuaves, figuras humanas, etc. A tendência para a curva contínua foi notada por Vermeylem quando disse que no inicio as linhas traçadas em todas as direções adquirem cada vez mais uma certa uniformidade, geralmente obliquas, da esquerda para a direita e não raro sob a forma de espiral.

Na realidade entre os desenhos que possuímos antes de 3 anos e mesmo nesta idade a tendência é para as massas informes de traços; mas a tendência mais notavel é para as linhas curvas continuas — algumas muito longas, distribuidas numa trama cerrada para todos os ângulos do papel, outras menores, interrompidas ou espiraladas. (Quadros IV, V e VI).

Aos 3 anos, entre os 50 desenhos de crianças do sexo masculino, 27 são completamente ininteligíveis; entre os 50 do sexo feminino 28 são do mesmo tipo. Aos 4 anos encontrámos 2 desenhos ininteligíveis para o sexo masculino e 2 para o sexo feminino.

O quadro que se segue mostra a freqüência, nas duas idades, das tendências para a curva contínua e para a fechada.

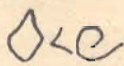
	3		4	
	M	F	M	F
Tend. para a curva continua	26	16	12	7
Tend. para a curva fechada	24	33	38	43

Nota-se que aos 3 anos ha predominância das curvas continuas em relação ao sexo masculino, ao passo que aos 4 anos ha predominância absoluta das curvas fechadas, o que significa já uma certa discipli-

QUADRO IV



J. B. 6 m 3;4

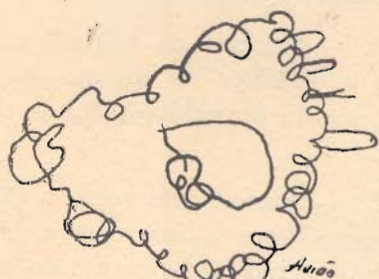


Janellas



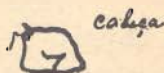
Homem

B. S. m 3;1



Avião

B. G. f 3,9

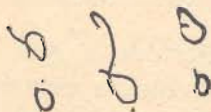


calça



formas

J. B. 4 m 3;1



Chicara

E. M. S. f 18

na na atividade grafica das crianças. Essa tendência particular para rabiscar linhas curvas já havia sido notada por Maria Montessori que dela tirara todo o proveito possível no seu já em desuso processo de aprendizado da escrita.

*
* *

Tratando da garatuja — “forma de expressão grafica que principia por riscos meio-automaticos do lapis sobre o papel” — Cyril Burt considera-a como envolvendo quatro momentos bem distintos (1):

1°. — Período do rabisco sem objetivo — *purposeless pencillings* — em que ha pura atividade muscular, sendo os rabiscos feitos da direita para a esquerda;

2°. — Período do rabisco com objetivo — *purposeful pencillings* — em que a criança procura descrever sobretudo verbalmente os objetos desenhados;

3°. — Período do rabisco por imitação — *pencilings imitative* — em que a criança procura desenhar mais por imitação do que por modelo ou por invenção;

4°. — Período a que Burt chama *localised scribbling* — em que a criança rabisca as partes do desenho descuidada da sua disposição no conjunto.

No decorrer desses momentos os movimentos do

(1) — Cyril Burt — *Mental and Scholastic Test* London — 1922.

QUADRO V



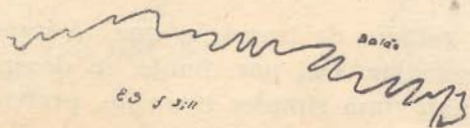
11.11.1959



J.L. m. 2.4

Ademural

D.L. m. 2.1



punho vão dominando os do braço e os movimentos dos dedos os do punho.

*
* *
*

Os trabalhos de Kerschensteiner e de Meuman, aos quaes atribue Rasmussen tão grande importância, não se combinam quanto ás fases de iniciação do desenho. Para o primeiro autor a fase inicial é a do *esquematismo*. Nesta fase a criança esboça simplesmente. Esse esboço, apesar de pobre de elementos sensoriaes, não constitue ainda a primeira fase da evolução do desenho, segundo Meuman. Os desenhos iniciais de criança não possuem ainda nenhuma forma e antes são a consequência de movimentos desordenados da mão que sustenta o lapis. A esse desenho que era considerado como não subordinado a nenhum plano, chama Meuman garatuja. E para ele já se pode apreciar nesses traços aparentemente desordenados, uma certa intenção de representar algum objeto ou pessoa. Depois deste periodo virá para Meuman a fase transitoria chamada do *sentimento nascente da linha e da forma*.

Vermeulen é da mesma opinião: após a garatuja vem a fase que elle denomina de *direção geral*. (1)

“E’ um estádio de transição que é importante assinalar. Daí por diante o desenho não é mais uma simples intenção, pretende

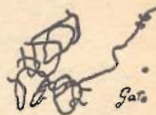
(1) G. Vermeulen — Op. Cit.

QUADRO VI

Cadeira



E F m 3,0



U R m 3,6



Homem

M A M 2 f 3,9

Pássarinho



B S m 3,1

Para do len



B B M m 3,0



V P S f 3,3

tomar forma e representar o objeto. O que é para notar em primeiro lugar é a direção geral dos sêres: o homem é representado por linhas verticaes, o animal por linhas horisontais."

Esta fase a que Vermeyleen chama de direção geral e na qual se vae notando já uma vaga tendência para a representação real das cousas é efetivamente a mesma que Meuman denomina da linha e da forma.

Faria de Vasconcelos, inspirado nas conclusões de Burt, Luquet e Rouma, esclarece bem este momento da evolução do desenho infantil.

"A' garatuja massiça, ao balbucio grafico do primeiro periodo succede aos 4 anos o estádio da linha. A criança começa a aperceber-se de que existe uma relação visual entre o objeto e o desenho dêsse objeto e daí o seu esforço para traduzir graficamente a idéa visual. As garatujas começam a parecer com objetos definidos, graças a intervenção do controle visual que progressivamente se desenvolve". (1)

As observações que fizemos nos levam a admittir após a simples garatuja a fase de tendência para a fórmula. E' um momento de iniciação. Não encontramos ainda nos desenhos infantís os traços e as parti-

(1) Boletím do Instituto de Orientação Profissional Maria Luiza Barbosa de Carvalho — Lisboa.

cularidades que definem os objetos, mas não podemos deixar de notar que já existe nos rabiscos das crianças alguma coisa que se aproxima da realidade. (Quadros VII e VIII). Os desenhos tendem para o realismo. Sente-se que a criança procura reproduzir dos objetos ao menos o seu aspecto mais saliente — vaga representação que às vezes não é mais do que um ligeiro contôrno dissimulado em caprichosos rabiscos que a criança é impelida a traçar graças ao automatismo grafico. Luquet refere-se a esse momento da evolução do desenho quando trata do *realismo falho*. Os obstáculos que atribue Luquet à criança são perfeitamente aceitaveis: uns de ordem fisica, outros de ordem psiquica. Entre os vários obstáculos da ultima categoria sobressae a incapacidade sintetica, que não é mais do que a impossibilidade de sistematizar em um conjunto coerente os diferentes detalhes que a criança desenha. Daí aparecerem os desenhos com seus elementos simplesmente justapostos e distribuidos por vezes de maneira completamente arbitraria.

Nos desenhos que representam a figura humana encontramos freqüentemente porções inteiramente destacadas e não raro obedecendo a uma ordem absurda. Em relação a casas, igualmente notamos ligeiros rabiscos tendendo para um plano. As arvores, os animais e os utensilios apresentam identicas características.

Em seu livro "Mental and Scholastic Test", Burt diz que:

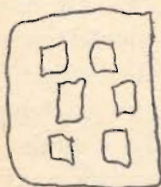
QUADRO VII



retorcido,
3, 11'000



O Papão



Casa

86 - 5;8

M.A.P. § 3. 11



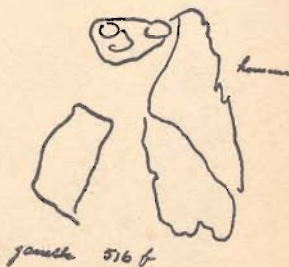
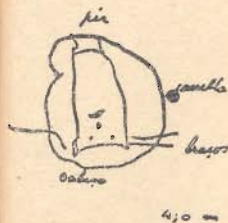
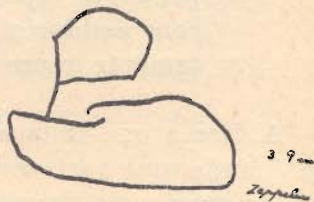
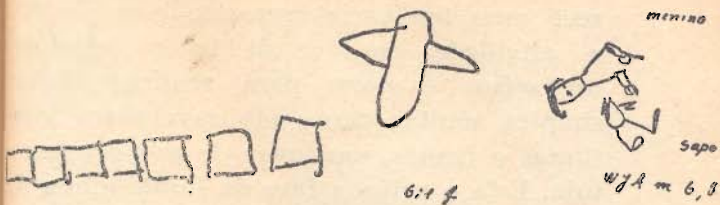
3, 12 mm



zanela

3, 6 mm

QUADRO VIII



“Usualmente na idade de quatro anos aparece uma tendência crescente para limitar a atividade em vez de fazer repetidas oscilações; e assim para realizar linhas simples, muitas vezes admiravelmente contínuas e firmes, em lugar de massiça garatuja. Esta é então a fase da linha, ainda de forma rígida — *the stage of line* — . A modificação da marcha do desenho é grandemente afetada pela instrução no lar e na escola. O controle visual se manifesta a principio esporadicamente e em seguida com assíduo progresso. A garatuja vai lentamente representando objetos definidos.”

A fase a que chamamos da tendência para a forma é ainda uma variedade da garatuja, mas uma garatuja de grau mais elevado. Os traços já são disciplinados. Podemos notar neles uma aproximação realista.